



O FANFARRÃO

por LEONOR DE CAMPOS

CERTO dia, já no fim do primeiro período, apareceu lá na turma um rapaz estranho, transferido doutro liceu.

Durante a primeira aula, todos o olhavam com curiosidade e alguns, dos mais atrevidotes, tossiam, de vez em quando, significativamente.

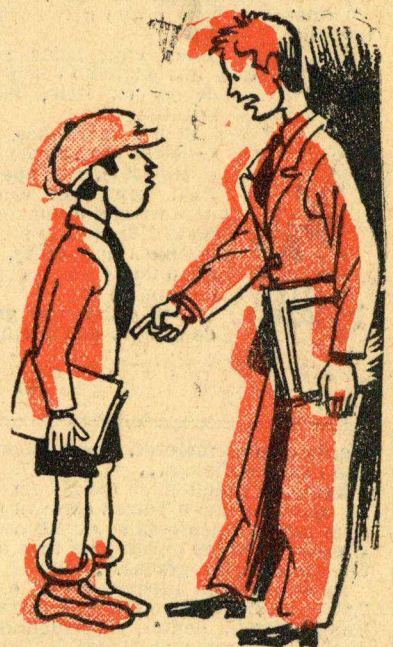
O rapaz, atento às explicações do professor, fingia não dar conta dos olhares e das tosses.

Mas, apenas terminou a aula e a

rapaziada foi mandada sair para o corredor, o «novo» dirigiu-se a um dos que mais haviam tossido:

— «Pchit! Oh tu! Estás constipado? Se estás, dize depressa, porque eu tenho um bom remédio para curar constipações. Chama-se «sôcopirina» e é melhor do que a aspirina. Entendido?»

O interpelado teria muita vontade de replicar. Mas... o outro era um latagão, forte, alto e com ar tão decidido, que o rapazito, que de mais a mais não era dos mais alentados, se



encolheu e não voltou a meter-se com êle.

Os colegas, então, rodearam-no.

— «Donde vens?»

— «Em que liceu andavas?»

— «Porque vieste para aqui?»

As perguntas choviam de todos os lados. Mas o rapaz não estava disposto a responder.

— «Vocês julgam que eu sou alguma agência de informações?»—interrogou êle, mal humorado.

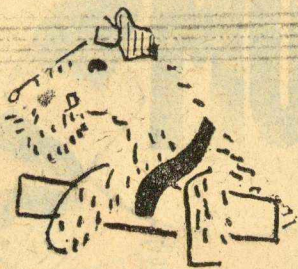
— «Não!»—disse de lá o José Carlos, um pequeno muito vivo e muito aplicado, embora dos mais novos da turma.

— «Mas és um poço de má-criações...»

— «Ai, valente!»—gritou um dos do 7.º ano, que, ao ver a reunião, se tinha aproximado.

A gargalhada foi geral. Até o «novo» riu, com um riso muito amarelinho. Mas logo voltou as costas, com desdém. E o recreio passou, sem mais incidentes.

Dai em diante, o «novo»—Tomaz, se chamava ela—começou a mostrar-se mais cortez, mais acessível, principal-



O CESTINHO DA COSTURA

SECÇÃO PARA MENINAS por ABELHA MESTRA

Minhas queridas Abelhinhas:

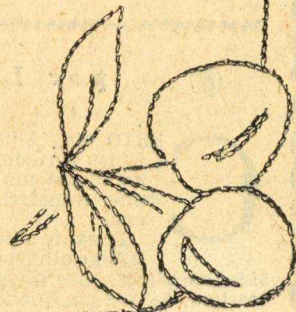
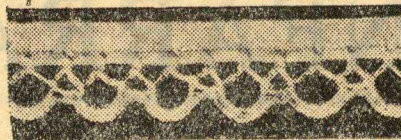
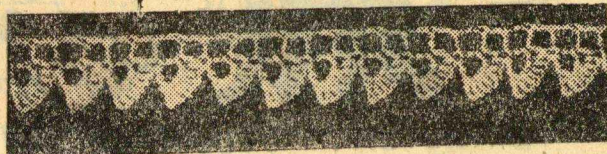
Vários motivos para novos entretenimentos, encontram-se hoje no «Cestinho da costura», cestinho êste que parece não ter fundo, tantos são os trabalhos por êle apresentados!

Vamos ver bem o que nele encontraremos.

Por baixo destas engraçadas rendinhas de «crochet», está um pequeno «napperon» que, de depois de feito, ficará deveras sedutor.

Bem bordadinhas, nos seus verdadeiros tons, as belas cerejas que o enfeitam, até apetecerá comê-las! Com mais um «simpático» cachorrinho e também um pequeno «Tóto», que se prestam a variadíssimas aplicações, aqui têm vocês o que o nosso cestinho reuniu de uma só vez!

Para tôdas, um grande abraço da sempre muito amiga



Abelha Mestre

mente com os maiores. Aos pequenos, não dava confiança...

Agora, já ninguém se metia com êle. As histórias que o Tomaz contava aos seus amigos, depressa se espalhavam. E essas histórias mostravam bem que êle não era para graças...

Nelas surgiam rapazes do 6.º e do 7.º anos, fortes como tôrres, a quem o Tomaz partira dentes, esborrachara o nariz, deslocara os queixos!...

A série de aventuras era interminável. E em tôdas aparecia o Tomaz como herói, sempre vitorioso!

Tornou-se, portanto, respeitado e temido.

O Tomaz nunca perdoara ao José Carlos o seu atrevimento do primeiro dia. A princípio não lhe falava, fingindo não o conhecer. Mas, pouco a pouco, animado pela atitude adulatora e admirativa dos condiscipulos, foi-se tornando provocador. Mal avistava o pequeno, desatava a falar muito alto em franganotes, em galitos da Índia, a quem era preciso torcer o pescoco...

— «Sim, porque êsses insignificantes, lá porque têm artes de enganar os professores para lhes arrancarem boas notas, julgam-se muito espertos, os palermas...»

José Carlos não fazia caso das provocações.

— «E' um imbecil com pretensões!— dizia êle aos amigos.— E quer, por força, armar desordem comigo. Mas eu estou pouco disposto a fazer-lhe a vontade...»

Ora, certa manhã, vinham os rapazes em grupos para o liceu.

A' frente caminhava o Tomaz, com dois amigos. E, logo atrás, o José Carlos, com outros colegas.

A certa altura, um dos da frente tropeçou numa ferradura.

— «Que é isto?» — exclamou.

— «Não vale cair!» — disse, em voz muito alta, o Tomaz. — Isso é um sapato da mãe do José Carlos!»

Ainda não acabara a frase, já o Tomaz se sentia agarrado pelas costas.

— «Cobarde!» — gritava o José Carlos, indignado. — Julgas-me fraco, porisso te metes comigo! Enganas-te! Sou homem para ti! Defende-te!»

O outro pousou no chão a pasta dos livros, enquanto os condiscipulos formavam roda, em volta dos contendores.

E começou a luta.

Tomaz era mais forte. Mas José Carlos, a quem o insulto a sua mãe duplicara as forças, batia-se valentemente. Os socos de Tomaz nem sempre atingiam o alvo, porque o adversário, ágil e leve, esquivava-se com facilidade. E o grande começou a cansar, enquanto o pequeno se mantinha firme e fresco.

Daí a pouco, com enorme surpresa dos assistentes, o Tomaz gritou:

— «Basta! Basta! Não vale a pena continuarmos!»

— «Pedes desculpa?» — bradou José Carlos, parando de bater.

O outro não podia mais. Fatigadis-

simo, desmoralizado, limitou-se a acenar com a cabeça, afirmativamente.

Então, José Carlos compôs o vestuário, levantou do chão a sua pasta e gritou para os que o rodeavam:

— «Vamos embora!»

E, como todos os fortes, sem fazer alarde da sua vitória, tão aparentemente calmo como se nada houvesse ocorrido, o rapaz retomou o caminho do liceu. Acompanhavam-no todos os condiscipulos. Até mesmo os pseudo-amigos de Tomaz o abandonavam.

Reconheciam, agora, que êste era tão mentiroso e gabarola, como provocador e cobarde!

A notícia do combate divulgou-se pelo liceu. Chegou aos ouvidos dos professores. Por isso, no dia seguinte, o professor de português ordenou aos alunos que fizessem um ponto escrito sobre: «Os deveres do bom aluno para com os seus camaradas.»

E, mais tarde, ao fazer a correção dos pontos, o professor aprouou alguns, criticou outros e terminou por dizer:

— «Sobretudo, nunca se deve ofender a mãe dum camarada. O homem que insulta a mãe de outro, dá a êste o direito de lhe insultar a sua. E a Mãe é um ente tão sagrado que, aquele que lhe tocar ou consentir que lhe toquem, equipara-se a uma víbora e, como tal, merece ser esmagado...»

F I M

O CUUCO e a COTOVIA

★ ★ Por VENUTRA ★ ★

O Cuco foi, certo dia,
a tiritar,
desasado,
procurar
a cotovia
p'ra lhe pedir, emprestado,
um cobertor. Pois — dizia —
estava um frio inclemente
e êle... tão constipado...
Além disso, já sentia
uma pontada no peito;
iria ficar doente,
não tinha roupas a jeito,
p'ra, depois, se agazalhar...

Grave, séria,
a cotovia
deixou o Cuco falar
e, calada,
ouviu a léria.
Por fim, responde: — «Amiguinho,
eu saio de madrugada
do meu cantinho...
O frio corta...
Á cautela
já tranco a porta
e a janela
por causa dos maus vizinhos,
pois — com velhaca intenção —
pode vir algum ladrão...

E lá vou pelos caminhos...
Nem o próprio frio atrasa
a minha lida...
Trabalho
dando ao bico, dando à asa,
sem o mais leve agasalho...
Meu caro amigo, é a vida!...
Êle não vem ter a casa!...
Tenho de lidar deveras!...
Quanta canseira perdida
no grangeio, dia a dia,
do pedacinho de pão!...

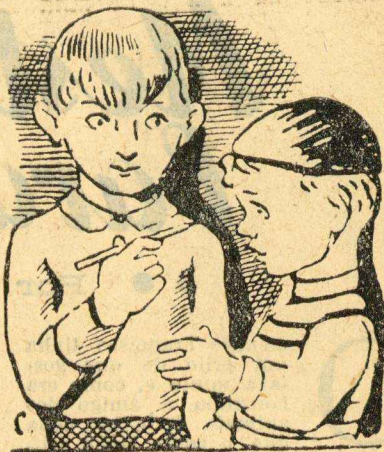
Mas, vejamos: tu, então,
— continua a cotovia —
nessa vida...

o que é que esperas?
Tu entras sem mêdo algum,
fiado na valentia,
em casa de cada um
que anda fóra a trabalhar;
e aí te deixas ficar
em descanso,

no ripanço,
regalado um dia inteiro...
Criaste tão triste fama
de ladrão,
de traiçoeiro,
que, se caíres de cama,
julgarão

ser a fingir
e não haverá, decerto,
quem te vá logo acudir,
quem te dê qualquer ajuda...

Agora, fingindo apêrto,
vens pedir-me que te acuda,



vens pedir-me, por favor,
apenas por alguns dias,
emprestado, um cobertor
que nunca me entregarias,
que jamais entregarás,
por mais que jures e digas,
porque não dás

garantias
e eu não me quero fiar,
meu caro amigo, em cantigas!...

E não lh'o quiz emprestar.

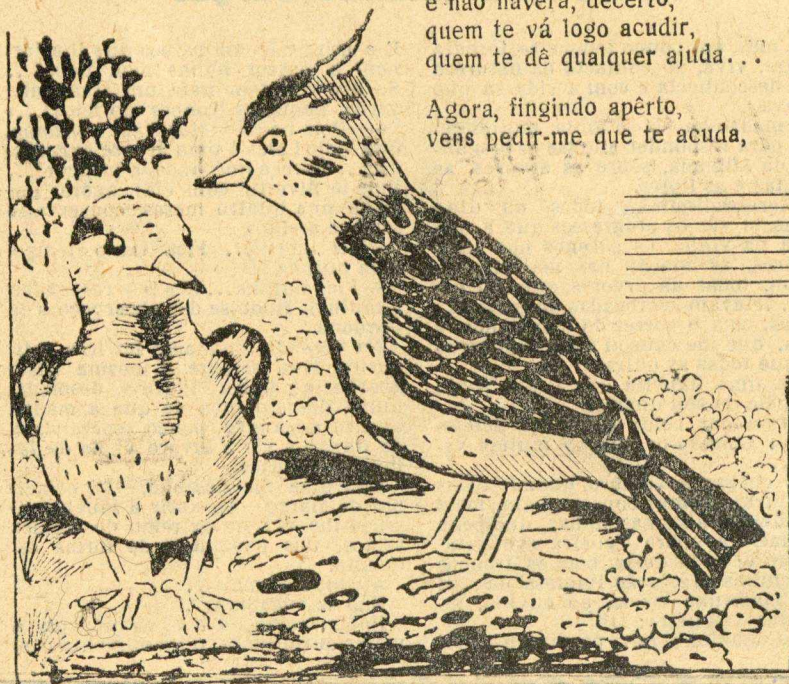
Como o Cuco choramigas,
há, também, certos meninos
valdevinos,
amigos de se apossar
dos lápis e das borrachas
que encontram pelas carteiras
ou que pedem emprestados
com muito boas maneiras
para, depois, com descaro,
em duas ou três larachas,
e fingindo-se admirados,
negar tudo o que pediram.

Meus meninos, como viram
sai sempre bastante caro
tal sistema vergonhoso!
Deve ser muito custoso
e mais valia fugir!
Eu confesso que fugia
p'ra bem longe, desgostoso,
se, com razão,

algum dia,
assim tivesse de ouvir
como êste Cuco maluco
um sermão
da cotovia.

Um novo jôgo da Glória

Nas regras dêste jôgo, publicado no número anterior, deu-se a omissão da referência ao N.º 32 — (pomba) cuja indicação é a seguinte: — Vão para o N.º 39. Perdõem os nossos amiguinhos o lapso involuntário.



Mestre grilo e as baratas cantoras

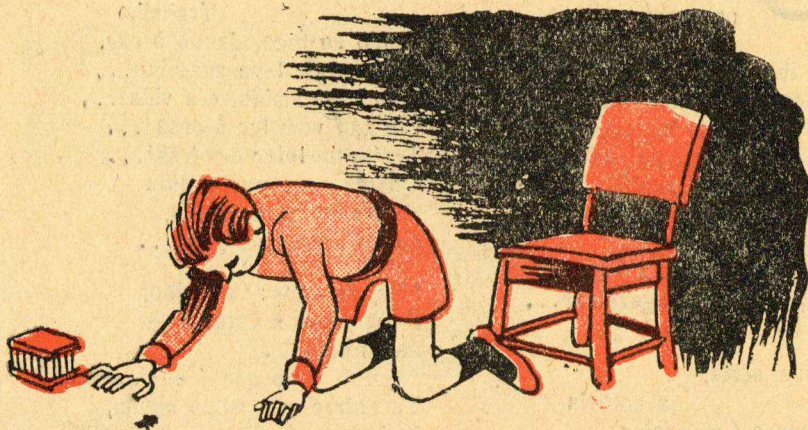
•• Por MARIA FREDERICA ••

O menino Francisco tinha um grilo de que gostava muito e, como era bonzinho e amigo dos animais, fazia-lhe pena que o pobre bicho estivesse sempre metido na gaiola. Lembrava-se que êle próprio não poderia viver tôda a vida num quarto muito pequeno. Então, o Francisquinho todos os dias abria a gaiola e deixava o grilo andar a passear pelo chão, evitando ter as portas abertas para êle não se perder pela casa.

Ora, uma noite, Mestre Grilo reparou que a sua gaiola não estava fechada como de costume e, depois de empurrar o arame com as patitas, conseguiu escapar-se cá para fóra. Encontrou, logo, uma barata que tinha vindo até ali, atraída pelo bom cheirinho a sebo que saía da galola de Mestre Grilo.

— «Senhor Grilo, disse a Barata, sobrou-lhe alguma coizinha do seu jantar? Cheira-me aqui tão bem a sebo!»

— «Estás com fome, comadre Barata? (preguntou-lhe o Grilo) Vai até á minha gaiola que há lá muito que comer. Eu sou muito bem tratado, dão-me sempre bons petiscos, mas confesso que me apetecia mudar de casa por



uns dias, encontrar-me com alguns amigos bichos com quem pudesse conversar. O meu dono, embora bom rapazinho, não me compreende.» Então, a Barata teve uma ideia luminosa:

— «Senhor Grilo, porque não vai até á minha casa? Estão lá todos os meus

irmãos que muito bem o receberão e pode conversar um pouco com êles.»

— «Lembráste bem! Vai, então, tu para a minha gaiola, serve-te do que quiseres e deixa-te lá ficar até á mi-

(Continua na página 6)

A HISTÓRIA DA FIGUEIRA

Por VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA

O médico que tratara a Luiza daquela doença, que deixara a pequena tão fraca, aconselhou os pais a mandá-la para o campo.

A doente precisava de respirar bom ar, viver vida saudável, durante uma temporada.

Ali, naquela rua estreita da cidade, onde mal entrava o sol, era difícil curá-la.

Ora, os pais da Luiza, eram pobres, tinham as suas ocupações em Lisboa e, muito apoquentados, ficaram sem saber que volta haviam de dar á vida, numa ocasião em que estavam tão desfalcados, com os gastos da doença prolongada da filha.

Valeu-lhe a amiga Engrácia, madrinha da pequena. Ao vê-los tão ralados, ofereceu-se para levar, na sua companhia, a afilhada.

Vivia nos arredores de Lisboa, numa casa, rodeada duma quintarola.

O campo foi uma revelação encantadora, para a criança da cidade!

Ela, que nunca vira nascer, crescer e desabrochar as plantas, flores e frutos, passava a vida maravilhada por tudo quanto presenciava.

Viera da cidade, tão tristonha e aba-

tida mas, em pouco tempo, se tornara alegre, viva, ao contacto da natureza que desconhecia e com a vida sã que levava.

A madrinha via-se tonta, muitas vezes, para responder a todas as perguntas da afilhada, sobre as árvores, as plantas e as flores.

Interessadíssima, todos os dias Luiza ia vêr os progressos que a uva fazia na vinha, os pécegos nos pecegueiros, as maçãs nas macieiras... enfim, todas as árvores que, no pomar, estavam carregadas de fruta.

Mas, com o correr do tempo, houve uma, que lhe causou mais admiração do que todas as outras.

Era uma figueira que ficava junto á janela do seu quarto.

Vira-a dar belos figos até Setembro... Comera-os mesmo muitas vezes...

Ao chegar Novembro, quando todas as outras árvores conservavam, mais ou menos, algumas fôlhas, que pena lhe fazia a pobre figueira completamente despida delas, com os troncos nus, numa desolação impressionante!

A madrinha ria-se, ao ouvi-la, lamentar a figueira:

— «Coitadinha! Deve passar tanto frio!

E a mim não me parece que lhe tôr-nem a nascer fôlhas nem figos!... Se ela não tem nem um sinalzinho verde, naqueles troncos tão feios!...»

— «Pois há-de voltar a ser a mesma, que viste! Mas é uma árvore engraçada!... Parece que anda a brincar!... Vais-te divertir com ela! Agora, durante uns quatro meses, conserva-se sempre assim.»

— «O quê?!... Fica tanto tempo, tôda núinha?!»

— «Fica núinha... fica!» — respondeu a mulher, rindo-se das observações da pequena.

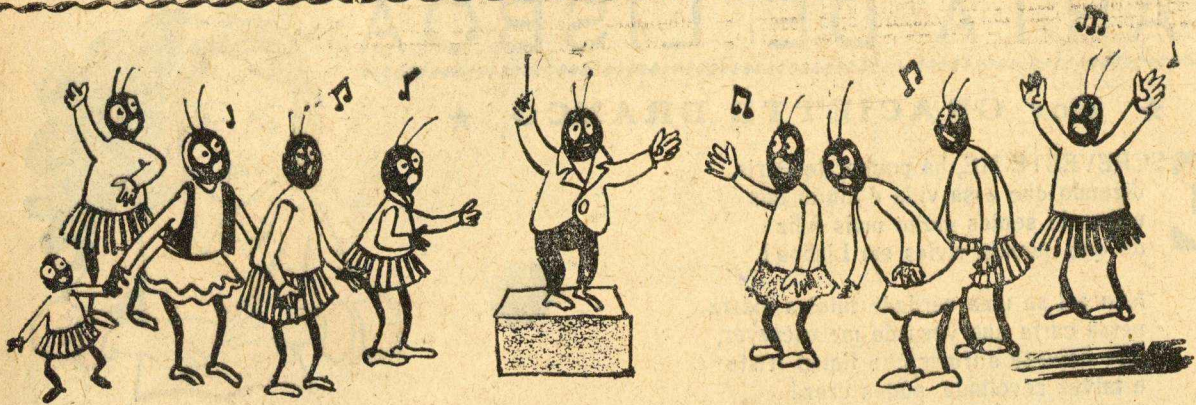
Na verdade, enquanto fez frio, a figueira teve sempre a mesma triste aparência; Luiza olhava-a, desolada, numa desconfiança de que a madrinha se enganava, pouco esperançada de tornar a vêr a árvore chela de folhagem e frutos.

Mas uma manhazinha, — no princípio de Março — ao abrir a janela, pareceu-lhe vêr no extremo dos ramos áridos, uns pauzinhos de forma esquisita.

Afirmou-se mais...

Não se enganara...

Então, começou a observar, com a maior curiosidade, o crescimento des-



MESTRE GRILO E AS BARATAS CANTORAS

(Continuado da página 4)

nha volta, para o menino Francisco não reparar que eu me ausentei.»

— «Muito obrigada, Mestre Grilo; pode ir descansado; esperarei o tempo que quiser. A minha casa é debaixo da chaminé da cozinha, primeira porta à direita. A Barata foi, muito satisfeita, para a gaiola e o Grilo seguiu pelo corredor fóra, a pensar na melhor forma de agradar aos seus novos amigos. No dia seguinte o menino Francisco saiu cedo para o colégio e depois foi passear com a mãe, de maneira que não teve ocasião de ir ver o seu amigo Grilo. Mas não se preocupou muito com isso porque lhe deixava bastante de comer.

Entretanto, Mestre Grilo chegara à casa das Baratas, onde foi festivamente recebido. Depois de animada conversa, pediram-lhe que cantasse um bocadinho, pois todos os presentes muito admiravam a sua bela voz. Mestre Grilo acedeu ao pedido e cantou, cantou, cantou, sempre aplaudidíssimo pela assistência. No fim do concerto, as baratas lamentaram não saberem cantar também. Mestre Grilo, então, ofereceu-se:

— «Se me quiserem para professor, em pouco tempo as ponho a cantar tão bem como eu.»

Elas aceitaram entusiasmadas e começaram imediatamente as lições.

Dai a pouco, o Francisquinho acor-

dava ouvindo um «gri-gri» muito forte. Era um cantar tão alto que não podia ser de um só grilo mas pelo menos de uma dúzia. Parecia vir, ora de debaixo do chão do quarto, ora de debaixo do corredor.

O Pai e a Mãe do Francisquinho, acordaram também. De cada vez o «gri-gri-gri» era mais forte. Dai a pouco, batiam os vizinhos à porta, dizendo que não podiam dormir com o barulho.

O Pai do menino Francisco, desesperado com tamanha cega-rega, dirigiu-se para a cozinha onde era maior o ruído e, com um martelo e um escôpro, levantou uma tábuia do chão. Qual não foi a sua surpresa ao ver uma porção de baratas a cantar, a cantar com as asas, exactamente como os grilos!

O Pai do Francisquinho ficou muito admirado mas, como era boa pessoa, foi buscar uma caixa, meteu as baratas todas dentro e disse:

— «Se cantam como os grilos devem ir para o campo. Amanhã vamos levá-las lá.»

No dia seguinte, o Francisquinho e o Pai foram, efectivamente, fazer o que este prometera.

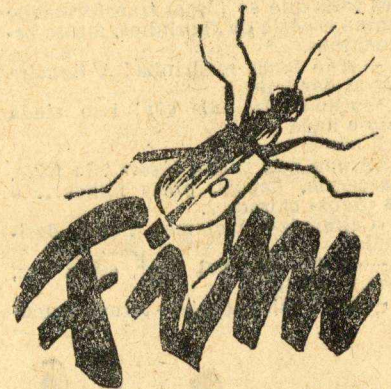
Porém, quando o menino Francisco destapou a caixa para despejar as baratas cantoras no meio das erva do Campo Grande, ficou admiradíssimo de ver lá também o seu grilo, que ele

julgava em casa, na gaiola. E então percebeu tudo.

O maroto fugira e tinha ensinado as baratas a cantar! O Francisquinho disse-lhe:

— «Vais já direitinho para a tua gaiola e, de castigo, por nos teres acordado a todos, não saís cá para fóra durante uma semana.»

Mas Mestre Grilo não ficou assustado, porque sabia que o seu dono era um rapazinho de bom coração e não lhe daria tamanha castigo por uma coisa que, no fim de contas, ele não tinha feito por mal.



NO REINO DOS BICHOS

DESENHO PARA COLORIR

Preguiça

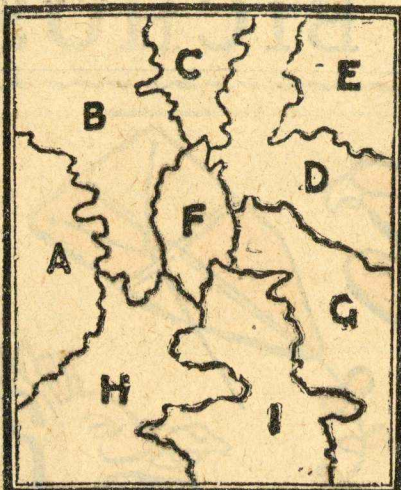
Outro animal patusco vem, hoje, ilustrar esta página. Ao vê-lo, lembramo-nos dos versos que aprendemos na escola:

A preguiça, a muito custo,
Fez a cama e se deitou.
Para não mais a fazer,
Nunca mais se levantou.

É um desdentado que pode estar horas nesta posição, seguro às árvores luxuriantes da América do Sul. Colorindo o corpo a castanho (1) e a cabeça a amarelo (4), temos aqui, o preguiçoso bicharoco a andar no balço. Os troncos podem ter a cor acastanhada. A folhagem, verde.



UM PROBLEMA DE COLORIDO A QUEM PERTENCEM ESTAS MÃOS?...



Eis uma superfície dividida em 9 parcelas que deverão ser coloridas de azul, verde e vermelho.

Como procederão para que as três cores não fiquem nunca vizinhas, isto é:—para que fiquem sempre separadas por uma cor diferente?

~~~~~

**LINHAS**  
~~~~~  
INTER-
~~~~~  
**ROM-**  
~~~~~  
PIDAS
~~~~~



Eis aqui uma ilusão de óptica simples que vos proporcionará uma aposta interessante. Neste desenho, a linha a continua em d ou em f? Iamos jurar que se enganam. Tirem a prova, passando uma régua na direcção da linha a.

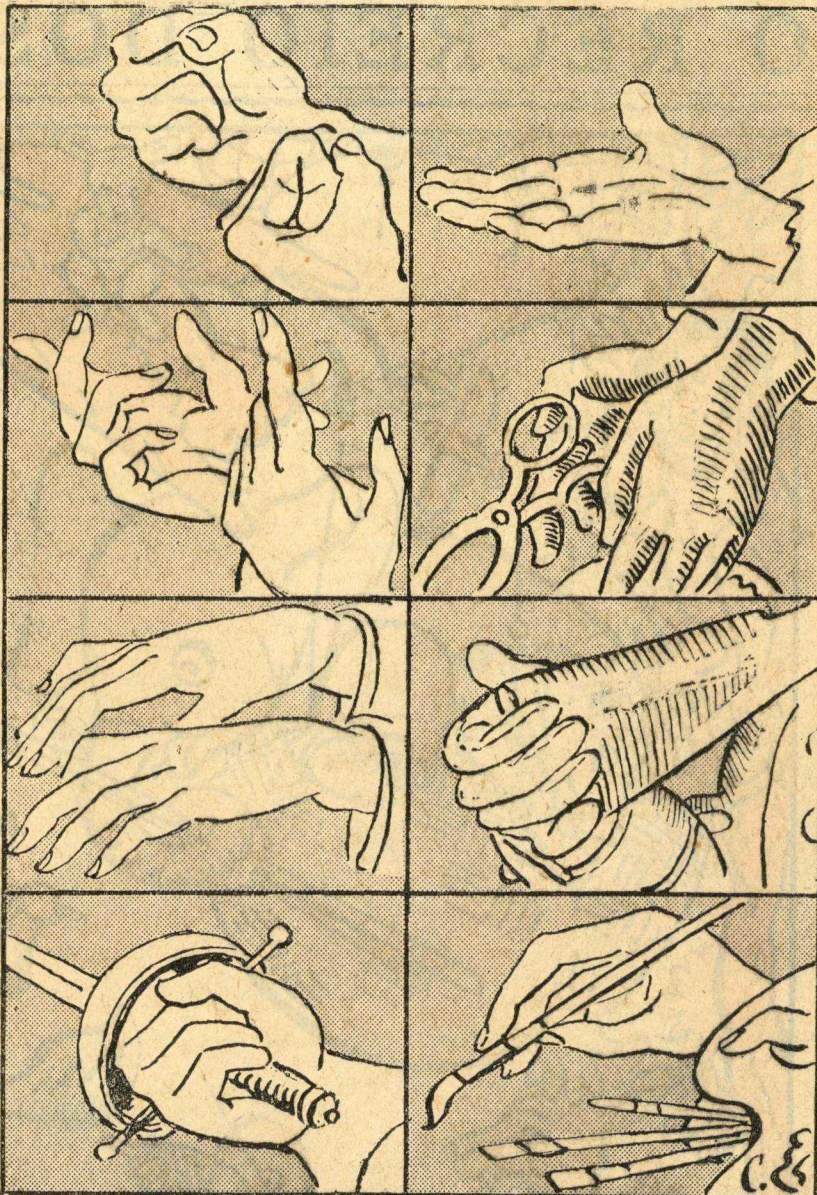
**A HISTÓRIA DA FIGUEIRA**

(Continuado da página 5)

caídos, se haviam formado uns outros.

—É certo, é!—(confirmou a madrinha.)—Esses são os verdadeiros. Os que já serão comidos por ti e por mim se Deus quiser!

Assim foi. Aqueles é que foram ávante; e a figueira tornou a ter folhas, como no ano antecedente e a Luiza e a madrinha fartaram-se de comer dos bons figos que ela dava.



Eis a pergunta que fazemos, aqui, aos nossos amiguinhos, cuja sagacidade tem sido, com êxito, posta à prova, várias vezes, em diversos entretenimentos e problemas que temos publicado no nosso Suplemento. Digam-nos, pois, os nossos leitorzinhos, inteligentes e perspicazes, a que profissionais pertencem as mãos que reproduzimos, e avaliarem pelas respectivas atitudes, pois está provado à evidência que as mãos têm um poder expressivo, igual ou superior ao do próprio rosto.

**Um jogo de paciência**

ESTE jogo é muito simples, pelo menos na sua construção. Desenhai sobre uma folha de papel, um quadrado e dividi esse quadrado em 16 casas também quadradas. Preparai bocadinhos de cartão duma dimensão ligeiramente inferior à das referidas casas e numerai-as de 1 a 15.

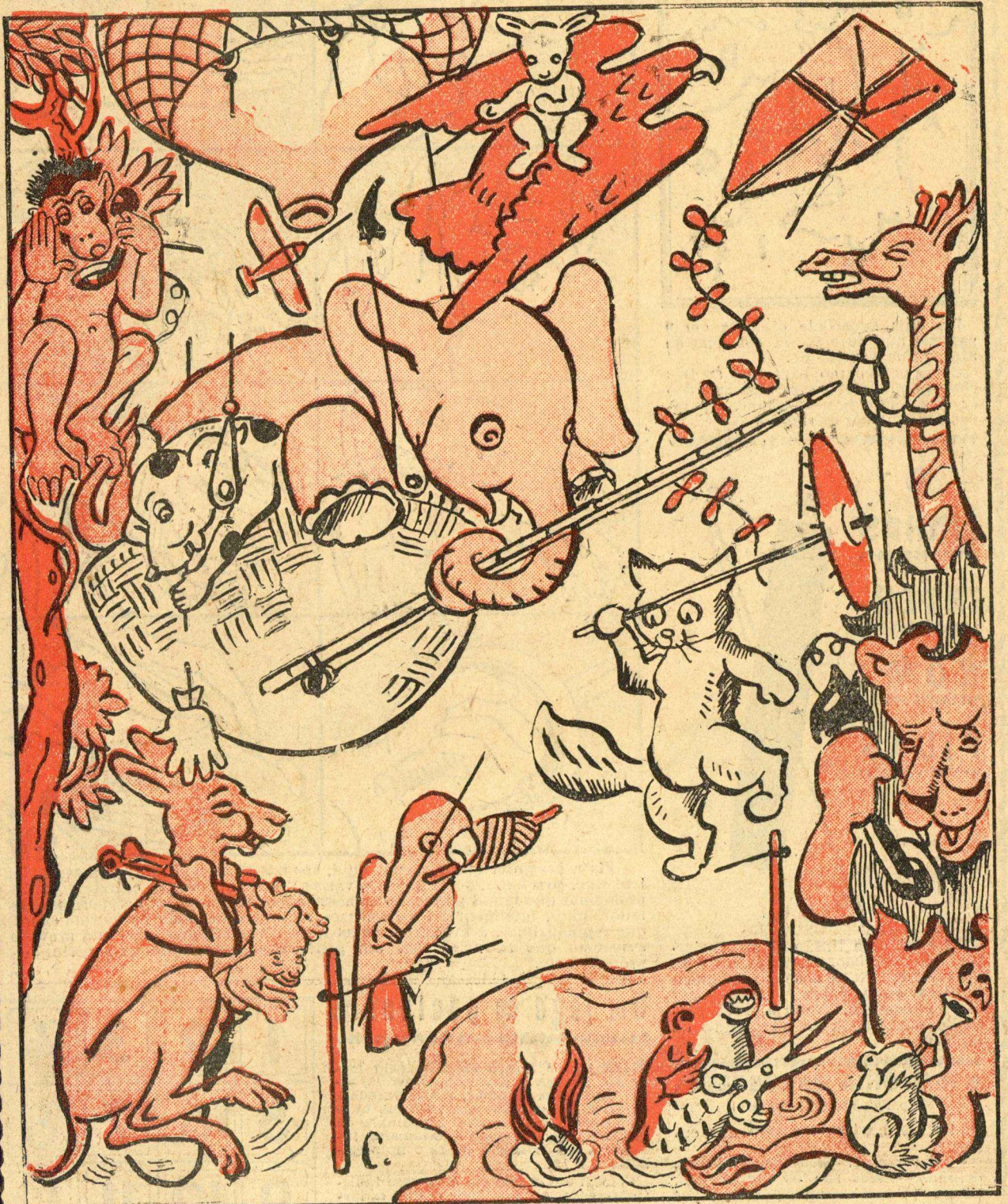
Colocai um cartão em cada casa indistintamente, ou seja sem ordem numérica. Uma casa fica sempre vaga.

O jogo consiste em preencher a casa vaga, mudando os cartões até que se obtenha a disposição que figura no desenho que publicamos.

Se várias pessoas quiserem tomar parte no jogo, a disposição inicial dos cartões deverá ser a mesma para todos.

|    |    |    |    |
|----|----|----|----|
| 1  | 2  | 3  | 4  |
| 5  | 6  | 7  | 8  |
| 9  | 10 | 11 | 12 |
| 13 | 14 | 15 |    |

# O RECREIO DOS BICHOS



O desenho que acima publicamos, está, como os nossos amiguinhos, terão ocasião de verificar, inacabado. Disponham-se, pois, a completá-lo, ligando todas as linhas propositadamente interrompidas.

**MICROBIOLANDIA**

Por absoluta falta de espaço, somos forçados a interromper a nossa viagem ao país dos micróbios que prosseguirá no próximo número.